

Com o brasileiro não há quem possa? As construções memorialísticas e oceânicas em torno de Garrincha na crônica de Carlos Drummond de Andrade

Natasha Santos*

Gisele Dall'Agnol Musse**

RESUMO: O objetivo do presente texto é analisar o retrato de Garrincha na crônica esportiva de Carlos Drummond de Andrade, a partir da tensa relação entre o êxito nacional e o mal-estar na civilização. Garrincha é considerado um dos maiores jogadores da história do futebol tanto no cenário nacional quanto no cenário internacional. Tornou-se notável pela habilidade de seus dribles desconcertantes, mesmo tendo pernas tortas. Atuou profissionalmente entre as décadas de 1950 e 1970, período correspondente ao início da profissionalização do futebol no Brasil. Durante a carreira, jogou pela seleção brasileira e em diversos clubes, cuja passagem mais duradoura foi no Botafogo de Futebol e Regatas. O jogador faleceu aos 60 anos, vítima do alcoolismo. Portanto, a escolha desse jogador e da crônica em foco não é por acaso. Carlos Drummond é um dos grandes literatos que dedicaram alguns de seus textos ao futebol, tratando mais da poética atrelada ao esporte, do que propriamente dos sistemas técnicos e táticos do jogo. Garrincha, por sua vez, é o atleta que não valoriza esquemas táticos ou treinamentos físicos; e, principalmente, ao mesmo tempo em que Garrincha fazia sucesso dentro de campo, fora dele era um brasileiro comum, que enfrentava uma série de adversidades pessoais. O que se pode inferir é que há uma exaltação à memória de Garrincha, particularmente pelo fato de haver um mal-estar civilizacional, do qual também sofria o craque – muito embora, dentro de campo, fosse quase insuperável.

Palavras-chave: Futebol. Literatura. Memória. Mal-Estar na Civilização.

* Doutoranda em Educação Física/UFPR

** Mestranda em Educação Física/UFPR

*O brasileiro lá no estrangeiro
Mostrou o futebol como é que é
Ganhou a taça do mundo Sambando com a bola no pé*
(A Taça do Mundo é Nossa, Maugeri et. al., 1958).

I

A Taça do Mundo é Nossa é uma canção de autoria de Wagner Maugeri, Lauro Müller, Maugeri Sobrinho e Victor Dagô, composta para as comemorações após a vitória da Seleção Brasileira de Futebol na Copa do Mundo FIFA de 1958, realizada na Suécia. Embora escrita para a situação específica do primeiro Campeonato Mundial conquistado pelo Brasil, tal música pode ser compreendida enquanto a versão cantada de todo o ideal identitário vinculado ao futebol, expresso na crônica esportiva por autores como José Lins do Rêgo, Mario Rodrigues Filho, Nelson Rodrigues e, posteriormente, Armando Nogueira (ANTUNES, 2004). Esse discurso estabelece o futebol como um dos principais ícones da identidade nacional brasileira, a ponto de conferir ao jogador uma invencibilidade poética que, por sinal, é transferida simbolicamente à população em geral.

Ora, entre os diferentes tipos de memória, Chauí (1995, *apud* Neves, 2000) destaca a “memória social ou histórica”, que é instaurada em uma sociedade através de mitos fundadores, de relatos, de registros, depoimentos, testemunhos. Esse tipo de memória destacada por Chauí dá suporte à identidade coletiva e é fundamental para o trabalho dos historiados, seja para a produção de novas fontes, bem como para a preservação da documentação existente. Dessa forma, aos produtores de memória cabe a tarefa de estimular e contribuir para que tais registros sejam permanentes (NEVES, 2000). Por outro lado, a memória é carregada de subjetividade devido a várias influências que podem ocorrer durante o processo de rememoração e transmissão da informação, como por exemplo, quando há tentativa de silenciamento de determinado fato que o sujeito não deseja revelar. Catroga (2001) afirma que por ser uma *representação* afetiva, a memória é uma construção seletiva, então os sujeitos constroem as conforme sua intencionalidade, ou, como cita Orlandi (1999), podem ocorrer interferências de acordo com a ideologia de cada sujeito.

Assim, um ideal que surge com Gilberto Freyre – e tão destacado por pesquisadores como Soares, Antunes (2004), Capraro (2007), Santos (2012) – reverbera

até hoje e, por algum tempo, direcionou a construção dos heróis nacionais. Um desses casos, e talvez o mais emblemático, é o de Garrincha, que passa a ser compreendido enquanto um herói às avessas, porém, tipicamente brasileiro.

Dessa forma, o objetivo do presente texto é analisar o retrato de Garrincha na crônica esportiva de Carlos Drummond de Andrade, a partir da tensa relação entre o êxito nacional e o mal-estar na civilização.

Ao tratar desse mal-estar da civilização, Freud (1978), aponta três medidas paliativas que tornariam a vida menos árdua: derivativos poderosos, satisfações substitutivas e as substâncias tóxicas. Os derivativos poderosos estariam relacionados à atividade científica, ou mesmo à religião, permitindo que o sujeito extraia algo de bom da sua desgraça, podendo gerar as satisfações substitutivas; estas, por sua vez, referem-se a ilusões em contraste com a realidade, que causam bem-estar; e as substâncias tóxicas tornariam o homem insensível às desventuras da vida.

Portanto, a escolha desse jogador e da crônica em foco não é por acaso. Carlos Drummond é um dos grandes literatos que dedicaram alguns de seus textos ao futebol, tratando mais da poética atrelada ao esporte, do que propriamente dos sistemas técnicos e táticos do jogo. Garrincha, por sua vez, é o atleta que não valoriza esquemas táticos ou treinamentos físicos – imagem reforçada em sua biografia, escrita por Ruy Castro; e, principalmente, ao mesmo tempo em que Garrincha fazia sucesso dentro de campo, fora dele era um brasileiro comum, que enfrentava uma série de adversidades pessoais.

Sendo assim, questiona-se: de que forma Drummond se refere a Garrincha em sua crônica? É possível pensar uma relação entre o êxito nacional, representada pela construção do símbolo de que não há quem possa com o brasileiro, e um mal-estar social?

No sentido de responder a tal questionamento, faz-se necessário o uso da análise literária, para o tratamento de tal fonte. Assim, pauta-se na perspectiva de Carlo Ginzburg (2004), no que se refere à literatura de fronteira, enquadrando, portanto, a crônica enquanto tal. A análise trazida por Ginzburg a respeito de ilhas coloca a possibilidade de um pensamento não insular, isto é, verdade e ficção vistas de um modo não dicotômico, mas possíveis de coexistirem em gêneros fronteirícios. Nem toda literatura é fronteira, uma vez que ao gênero de fronteira estaria reservada a

possibilidade de analisar as histórias sociais e das mentalidades, a partir das fantasias expostas nas obras literárias.

A crônica, gênero destacado por Capraro (2007), assumiria o caráter fronteiro pelo fato de estar vinculada à notícia do jornal. Sua publicação diária em periódicos se utiliza da estética literária, dificilmente sem deixar de se referir ao cotidiano exposto no jornal. Daí sua posição na fronteira entre ficção e contexto: a crônica acrescenta literatura ao comentário do dia-a-dia, tratando da notícia sem abandonar a escrita literária; entre a literatura e o acontecido no dia anterior, sendo “de alguma maneira o tempo feito texto, sempre e de formas diversas, uma escrita do tempo” (NEVES, 1992, p. 82). Não trazendo, portanto, um distanciamento tão enfático do cotidiano.

Junto a isso, cabe pensar o amálgama entre texto e contexto, proposto por Antonio Candido (2000), que considera tanto as questões do texto por si só, quanto os aspectos do contexto que, inevitavelmente, permeiam a obra.

II

Garrincha foi o anti-herói de pernas tortas, cuja característica marcante era seu jeito de driblar, arrancar e chutar. Após ser rejeitado por três clubes de futebol – Vasco, São Cristóvão e Fluminense –, Garrincha conseguiu uma oportunidade para fazer um teste no Botafogo, clube em que jogou boa parte da sua carreira profissional e que lhe abriu as portas da seleção brasileira, onde atuou de 1955 a 1966, marcando 12 gols em 50 jogos (CASTRO, 1995).

Na crônica, Drummond (1985) refere-se à Garrincha como “o jogador que contrariava todos os princípios sacramentais do jogo, e que no entanto alcançava os mais deliciosos resultados”. A maneira de jogar de Garrincha era uma de suas marcas registradas, pois o jogador contrariava os princípios do esporte, sem técnica e tática, e ainda assim alcançava bons resultados, o que fazia dele um jogador decisivo em jogos importantes. “Para Mané Garrincha, o espaço de um pequeno guardanapo era um enorme latifúndio” (NOGUEIRA, 1986, p.46).

A figura do craque e do mito é enaltecida entre as Copas do Mundo de 1958 e 1962, em que o Brasil conquistou o campeonato e o bicampeonato mundial, respectivamente. A habilidade do jogador com a bola tornava Garrincha o nome fundamental do jogo e da torcida. No período de auge da carreira, os próprios dirigentes sabiam o quão importante era o jogador para o Botafogo e a sobre a influência que ele possuía sobre a torcida. Se a rescisão do contrato do jogador fosse cogitada em algum momento, por exemplo, em pouco tempo essa hipótese era descartada.

Com seus 5 campeões do mundo, o Botafogo cobrava agora de 15 a 20 mil dólares por partida no exterior – mas a única atração obrigatória era Garrincha. O clube teve uma amostra disso em agosto, quando foi disputar 3 partidas em Bogotá e Cali. As manchetes dos jornais diziam ‘Garrincha em Bogotá!’ – não o Botafogo em Bogotá (CASTRO, 1995, p. 274)

Ao longo do texto, Drummond evidencia uma série de qualidades ao estilo Garrincha de jogar, como o “poder mágico de seus músculos e pés”, e o corpo servindo como “instrumento das mais graciosas criações no espaço, rápidas como o relâmpago e duradouras na memória. Quem viu Garrincha atuar não pode levar a sério teorias científicas que preveem a parábola inevitável de uma bola e asseguram a vitória — que não acontece”. Essas características também são apontadas por outros autores, como, por exemplo, Ruy Castro. O biógrafo faz um paralelo entre o futebol bonito e alegre de Garrincha, contra o futebol “científico” soviético na Copa de 1958: “nunca o orgulho do ‘científico’ futebol soviético fora tão desmoralizado, e pelo mais improvável dos seres: um camponês brasileiro, mestiço, franzino, estrábico e com as pernas absurdamente tortas” (CASTRO, 1995, p. 165).

Outra imagem de Garrincha que Castro (1995) compactua com Drummond é a do jogador destemido em relação ao adversário e, ao mesmo tempo, sem regras. Ele não perdia o sono por nenhum campeonato ou jogo. “[...] não se preocupava com o adversário, qualquer que fosse. Não era menosprezo, mas um sublime desinteresse por táticas, *chaves* ou esquemas. O futebol era uma coisa muito simples, de onze contra onze, as camisas pouco importavam” (CASTRO, 1995, p. 261). Além disso, segundo o biógrafo, Garrincha jogava futebol por prazer, e não por dinheiro: era espontâneo, jogava pelo simples fato de poder driblar e poder satisfazer seu próprio prazer. Dificilmente conversava sobre futebol, assistia ou ouvia jogos, pois não gostava: “o futebol só era bom para jogar”, resume Castro (1995, p. 40).

Porém, ao mesmo tempo em que é visto como um herói, Drummond e Castro retratam Garrincha como uma pessoa simples, que não perdeu a humildade. Mesmo podendo desfrutar de conforto no Rio de Janeiro – até mesmo no auge de sua carreira –, durante anos Garrincha não abriu mão de retornar a Pau Grande no final dos treinos: “[...] preferia viver como um operário. Ou como um camponês” (CASTRO, 1995, p. 132).

Ao referir-se a Garrincha como um sujeito incumbido de “zombar de tudo e de todos”, “divertido, espontâneo e inconsequente”, Drummond (1983) nos leva a rememorar alguns momentos marcantes da carreira do jogador. Num dos amistosos disputados pelo Botafogo na França, em 1955, faltando cerca de cinco minutos para o fim da partida em que o Botafogo vencia o Reims por 5x1, Zezé Moreira solicitou que os jogadores prendessem a bola para se pouparem. Garrincha levou ao pé da letra:

Começou a driblar sem soltar a bola para ninguém, a enfiá-la entre as pernas dos beques e a fazê-los trombar uns nos outros, como se estivesse nas peladas de Pau Grande. Ficou tantos minutos com a bola que os adversários já não se atreviam a ir tentar tomá-la. O estádio inteiro levantou-se para aplaudir. (...) Garrincha então partia para cima deles e, às vezes, voltava para driblar em direção ao gol do próprio Botafogo. O jogo terminou com a bola aos seus pés (CASTRO, 1995, p. 90).

Mas apesar de toda a genialidade descrita cronistas e comentaristas esportivos, o estereótipo de Macunaíma, o herói “às avessas” da obra de Mário de Andrade (Andrade, 1993). As “espertezas instintivas” citadas por Drummond (1983) podem ser interpretadas na obra de Ruy Castro (1995) pelo costume que Garrincha tinha de escapar das concentrações do hotel e voltar de madrugada, faltar treinos por preguiça ou por ressaca, por exemplo.

A artrose no joelho lesionando seus meniscos – acompanhada de recorrentes infiltrações – e o alcoolismo foram tirando aos poucos Garrincha dos campos. A bebida acompanhou Garrincha desde seus tempos de juventude em Pau Grande, mas foi no início da década de 1962 que o alcoolismo – o “germe de autodestruição” (Drummond, 1983) se acentuou e ele passou a beber em qualquer hora do dia ou da noite. A bebida tornava-o depressivo, Garrincha passava a beber mais para tentar “sair da depressão” e o estado só se agravava. A partir daí, Castro (1995) afirma que as crises alcoólicas e de abstinência tornaram-se cada vez mais frequentes. Depois de alguns dias numa clínica,

recebia alta e voltava para as ruas, para beber. A “Alegria do Povo” faleceu quase cinco anos após o primeiro surto de abstinência aguda, sem dinheiro e sem prestígio.

III

Pois bem, o início da década de 1980 foi um dos períodos mais conturbados da história política, e também social, do Brasil. Contava-se, então, com a abertura democrática e o encerramento de 21 anos de ditadura militar, a qual se findaria definitivamente no ano de 1985 (SKIDMORE, 1998; COSTA, MELLO, 1999).

No setor da economia, o Brasil passava por uma séria crise financeira que, graças ao endividamento externo, provocou um irregular aumento da inflação, redução dos salários, recessão nas indústrias e no comércio, culminando com um aumento substancial nos índices de desemprego (REZENDE, 2001; TORRES, 1998; CYSNE, 1994; SKIDMORE, 1988). Não estava nada fácil ser brasileiro e a população lidava não apenas com seus problemas cotidianos de superação, como também com o desemprego e a pouca perspectiva de que as coisas melhorariam. Pode-se pensar em um mal-estar civilizatório.

É diante desse contexto, que Carlos Drummond de Andrade anuncia, literariamente, a morte de Garrincha: por meio de uma crônica que ocupava a primeira página do Caderno de Esportes do Jornal do Brasil, com direito, inclusive, a ilustração representando o ex-craque. O texto, de caráter saudosista, não deixa, por um segundo, de trazer referências sobre a tristeza de ser brasileiro, desenhando um Garrincha que, com suas “espertezas instintivas de Macunaíma” (DRUMMOND, 22 jan. 1983, Capa Caderno de Esportes), jamais deixou de ser um herói às avessas, que inspirou um país inteiro.

A necessidade brasileira de esquecer os problemas agudos do país, difíceis de encarar, ou pelo menos suavizá-los com uma cota de despreocupação e alegria, fez com que futebol se tornasse a felicidade do povo. (...) E os grandes jogadores convertem-se numa espécie de irmãos da gente, que detestamos ou amamos na medida em que nos frustram ou nos proporcionam o prazer de um espetáculo de 90 minutos, prolongado indefinidamente nas conversas e mesmo na solidão da lembrança (DRUMMOND, 22 jan. 1983, Capa Caderno de Esportes).

Como que demonstrando o caráter fronteiro da crônica, Carlos Drummond estampa, nas entrelinhas, a notícia de jornal. Antes de falar do futebol, ou mesmo da morte do bicampeão mundial, trata das dificuldades do país – as quais podem ser compreendidas enquanto os problemas de ordem econômica, social e política –, que entristeciam o povo brasileiro. Drummond parece justificar a importância do futebol, exatamente por se tratar de um meio propício para romper com essa tristeza, ainda que de forma efêmera e simulada. Muito provavelmente sem a intenção, o literato se aproxima muito da perspectiva freudiana (FREUD, 1978), tratando o esporte em questão como uma *satisfação substitutiva*, isto é, uma válvula de escape para um mal-estar social, no sentido de torná-lo mais suportável... “Foi um pobre e pequeno mortal que ajudou um país inteiro a sublimar suas tristezas. O pior é que as tristezas voltam, e não há outro Garrincha disponível. Precisa-se de um novo, que nos alimente o sonho” (DRUMMOND, 22 jan. 1983, Capa Caderno de Esportes).

O que se pode inferir é que há uma exaltação à memória de Garrincha, particularmente pelo fato de haver um mal-estar civilizacional, do qual também sofria o craque – muito embora, dentro de campo, fosse quase insuperável. Neste caso, não apenas o futebol é tratado como uma satisfação substitutiva, mas também o é o próprio Garrincha: Drummond trata o ex-craque como um agente cuja função estava, grosso modo, em distrair; em fazer esquecer as mazelas sociais, não apenas pela habilidade de jogar futebol, mas pela inocência, imprevisibilidade atribuídas ao ex-jogador: “A simpatia nacional envolveu Mané em todos os lances de sua vida, por mais desajustada que fosse, e isso já é alguma coisa que nos livra de ter remorso pelo seu final triste” (DRUMMOND, 22 jan. 1983, Capa Caderno de Esportes). Ao mesmo tempo, porém, o macunaímico Garrincha, assim como os brasileiros a quem auxiliava a sublimar os problemas sociais, também precisava de suas próprias satisfações e também contava com suas próprias tristezas. Nesse sentido, a morte do triste brasileiro Garrincha significaria mais do que a morte de um craque: colocaria fim às sequências de dribles pouco imagináveis que faziam o povo sorrir.

Ele (Garrincha) julga que entrou em campo a fim de defender o seu sustento, mas seu negócio principal será defender milhões de angustiados presentes e ausentes contra seus fantasmas particulares ou coletivos. Garrincha foi um entre muitos desses infelizes, dos quais só se salva um ou outro predestinado, de estrela na testa, como Pelé (DRUMMOND, 22 jan. 1983, Capa Caderno de Esportes).

Outra questão lembrada na crônica por Drummond (1983) é sobre a “extinção de antigos complexos nacionais”, que diz respeito ao que Nelson Rodrigues chamava de “complexo de vira-latas”, um sentimento de pessimismo e inferioridade que se estabeleceu no povo brasileiro diante da frustração pela derrota da seleção brasileira para a seleção uruguaia na Copa de 1950 – ainda que um conceito criado apenas em 1958, pauta-se essencialmente nas derrotas de 1950 e 54.

Por complexo de vira-latas entendo eu inferioridade em que o brasileiro se coloca, voluntariamente, em face do resto do mundo. Isto em todos os setores e, sobretudo, no futebol. (...) em wembley, por que perdemos? Porque, diante do quadro inglês, louro e sardento, a equipe brasileira ganiu de humildade. Jamais foi tão evidente e, eu diria mesmo, espetacular o nosso vira-latismo. (RODRIGUES, 1993, p. 52).

Quando a seleção brasileira embarcou para a Suécia para a Copa de 1958, esse complexo de inferioridade não ficou de lado. O Brasil estava no grupo da Áustria, Inglaterra e URSS, consideradas equipes fortes, e os torcedores temiam o fracasso da seleção. No entanto, o que aconteceu foi o inesperado. Após o jogo entre Brasil e URSS, Nelson Rodrigues escreveu a crônica “Descoberta de Garrincha” relatando como foi a partida, que para ele foi decidida nos três primeiros minutos de jogo, quando Garrincha resolveu driblar “até as barbas de Rasputin” (RODRIGUES, 1993, p. 53). Embora precisasse apenas do empate, o Brasil venceu por 2 x 0.

Todavia, é apenas na década de 1960, quando o selecionado brasileiro definitivamente se estabeleceu como potência mundial após conquistar o bicampeonato mundial em 1962, no Chile, que Nelson Rodrigues chamava atenção para a consolidação da identidade brasileira.

É também pautado nesta percepção, que Drummond fala dos angustiados presentes e ausentes no campo. Isto é, as vitórias e jogadas de Garrincha apontavam para um bem-estar não apenas dos torcedores, mas da população em geral – sobretudo ao jogar pela seleção brasileira. O literato aponta, ainda, para além de um mal-estar coletivo: fala dos fantasmas individuais, a que se pode compreender como as próprias impotências reafirmadas por um país em crise.

Ainda que se estivesse tratando de um craque que não teve a mesma sorte de Pelé e que acabara de morrer em situação calamitosa, Garrincha é descrito no texto como a própria e legítima alegria do povo. Assim, o adeus literário de Carlos

Drummond de Andrade era, também, um adeus à alegria do brasileiro, que se encontrava política e socialmente marginalizado.

E agora José?

REFERÊNCIAS

CASTRO, Ruy. *Estrela solitária: um brasileiro chamado Garrincha*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

CATROGA, Fernando. Memória e História. In: PESAVENTO, Sandra Jatahy (org.). *Fronteiras do Milênio*. Porto Alegre, RS: Ed. Universidade/ UFRGS, 2001.

COSTA, L. C. A.; MELLO, L. I. A. *História do Brasil*. São Paulo: Ed. Scipione, 1999. P. 382-387.

CYSNE, R. P. A Economia Brasileira no Período Militar. In: *21 Anos de Regime Militar - balanços e perspectivas*. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1994. P. 252, 266.

FREUD, Sigmund. _____. *Cinco Lições de Psicanálise; A História do Movimento Psicanalítico; O Futuro de uma Ilusão; O Mal-Estar na Civilização; Esboço de Psicanálise*. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

NEVES, Lucília de Almeida. Memória, história e sujeito: substratos da identidade. *História Oral*, 3, 2000, p.109-116

NOGUEIRA, Armando. *O Homem e a Bola*. Rio de Janeiro: Editora e Livraria Mitavaí, 1986.

ORLANDI, Eni P. Meio de 1968: os silêncios da memória. In: ACHARD, Pierre (et.al.) *Papel da Memória*. Trad.: José Horta Nunes. Campinas, SP: Pontes, 1999.

REZENDE, M. J. de. *A Ditadura Militar no Brasil: repressão e pretensão de legitimidade 1964-1984*. Londrina: Ed. UEL, 2001.

RODRIGUES, Nelson. *Garrincha transcende todos os padrões*. Jornal O Globo. Rio de Janeiro, 14 de mar. 1959.

RODRIGUES, Nelson. A juba escanhoad. In: RODRIGUES, Nelson. *A pátria em chuteiras: novas crônicas de futebol*. org. Ruy Castro, São Paulo: Companhia das Letras, 1994. p. 56-57.

RODRIGUES, Nelson. *À sombra das chuteiras imortais*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SKIDMORE, T. E. *Brasil: de Castelo a Tancredo, 1964-1985*. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1988.

_____. *Uma História do Brasil*. São Paulo: Ed. Paz e Terra, 1998.

TORRES, R. N. *Nos “Porões” da Ditadura: fatos que a esquerda finge ignorar e a falácia do militarismo no Brasil*. Rio de Janeiro: Ed. Expressão e Cultura, 1998.

FONTE

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Mané e o Sonho*. Rio de Janeiro: Jornal do Brasil, 22 jan. 1983, Capa do Caderno de Esportes.